

○
CAVALEIRO ○
MISTERIOSO ○

Uma ligeira chuva de verão caía quando Egg e eu partimos de Septo de Pedra.

Viajávamos para a norte, para Winterfell, onde Lorde Beron Stark precisava de homens.



Um peixe, Sor?

Para as vossas viagens?

Egg era um escudeiro tão bom como um cavaleiro desejaria.

Mas não era cavalheiro por acaso.

Não. Hoje não, obrigado.

Tinha os olhos roxos da antiga Valíria e cabelo que brilhava como ouro martelado entrançado com fios de prata.

Tinha sangue de dragão.

Se deixasse crescer o cabelo, seria como usar o dragão de três cabeças da Casa Targaryen como alfinete de peito.

Eu tinha sangue de mendigo... como costumavam dizer-me em Fundo das Pulgas.

Certa vez, Egg recordou que éramos os dois de Porto Real.

Sim. Ele, do topo da Colina de Aegon, e eu, do fundo.

AHH!





Tinha visto tais coisas antes.

Em Porto Real, quando era rapaz, roubei uma cabeça do espeto.

Era um lorde rebelde ou um cavaleiro ladrão.

Ou talvez só um assassino comum,

Uma cabeça é uma cabeça.

Todas se assemelham após uns dias no espeto.



Os corvos atacam sempre os olhos.

Depois, as bochechas cedem, a carne torna-se...




Conheço aquela cara.



Conheces, Sor.

Há três dias.




O septão corcunda que ouvimos pregar contra Lorde Corvo de Sangue.

Era um homem santo.

Juramentado aos Sete.

Mesmo que pregasse a traição.


"As mãos do Corvo de Sangue mancham-se com sangue de um irmão", declarou ao povo na praça do mercado.



Para onde foi o bom rei Daeron e o intrépido Baelor Quebralança?

A sepultura reclinou-se, mas ele e a perdura!


Esta ave pálida de bico sangrento empoleirou-se no ombro do rei Aerys e guinchou-lhe ao ouvido!



Trouxe-nos a seca, a peste e o homicídio!


Erguei-vos!

Recordem o nosso rei legítimo além das águas!



Erguei-vos, senhores e senhoras.

Erguei-vos, bravos cavaleiros e dignos lavradores, e derrubai o Corvo de Sangue!



Erguei-vos e derrubai este pérfido feiticeiro!

Falando daquela forma contra o Corvo de Sangue, a Mão do Rei, cada palavra era uma traição...

... mesmo assim, foi um choque vê-lo lá em cima.

Outro bom motivo para deixarmos esta cidade.

Sim, dizia-se que o Corvo de Sangue usava as artes sombrias para mudar de cara.

Lobos caçavam os seus inimigos, dizia-se, e os corvos eram seus espiões.

As histórias podiam ser apenas histórias, mas ninguém questionava a verdade da adivinha.

Vi o Corvo de Sangue com os meus olhos.

Má sorte, cortar cabeças de septões.

Falou, apenas. As palavras são vento.

As palavras são vento, Sor.

Outras, traição.

"Quantos olhos tem Lorde Corvo de Sangue?"

"Mil olhos e mais um."

Pele e cabelos brancos como osso. A mancha cor de vinho na face e pescoço, dando-lhe o seu nome.

Um olho perdido para o seu irmão Açamargo no Campo da Erva Vermelha.

O outro olho, vermelho como sangue.

Falaste como um verdadeiro príncipe.

Podia ser um septão, mas pregava mentiras, Sor!

Tal vez. Mas, se começarmos a cortar cabeças a todos os mentirosos...

... metade das cidades dos Sete Reinos ficarão vazias.

Seis dias depois...

Sentes o cheiro da água? O l'ago não está l'ongue.

CHEIRO APENAS O MEISTRE, SOR. O BURRO TRESANDA!

Há uma vel ha estal agem j unto ao l'ago.

Parei l'á quando era escudeiro de Sor Ari an.

Faziam uma bel a cerveja castanha. Tal vez a provemos enquanto esperamos o barco.

Também poderíamos passar l'á a noite.

Mil or de deseja um col chão de penas?

Não temos dinheiro o para camas.

A pal ha servirá, Sor.

Temos vinte e dois tostões, três estrel as, um veado e aquel a granada rachada, Sor.

E não teremos nada se dormirmos em estal agens.

Dormiremos sob as estrel as.

Poderemos pagar cerveja e uma ceia quente, mas não vou desperdiçar moeda numa cama.

Temos de poupar tostões para o barqueiro.

As estrel as são boas, mas o chão é duro, Sor. Por vezes, é bom deitar a cabeça numa al mofada.

Al mofadas são para príncipes.

Podemos usar a minha bota para at ravessar.

Sim, a bota de Egg. Na biqueira, havia um anel que provava a sua identidade de príncipe.

Usar a bota era arriscado. Westeros vivia tempos perigosos.

Podemos, mas não o faremos.

Mais uma pal avra sobre a bota e l evas uma pal mada tão for te que...

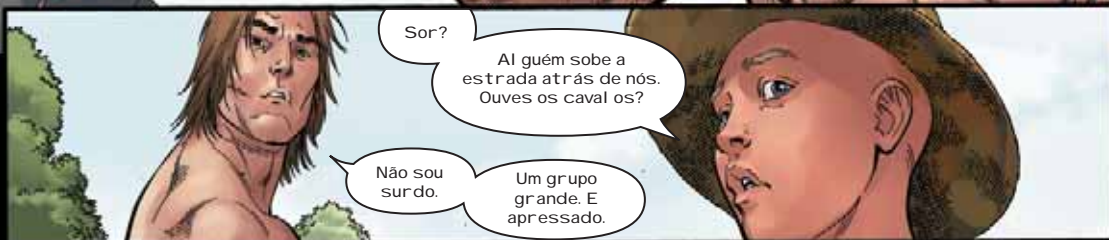


Sor?

Al guém sobe a estrada atrás de nós. Ouves os caval os?

Não sou surdo.

Um grupo grande. E apressado.



Bandidos, Sor?

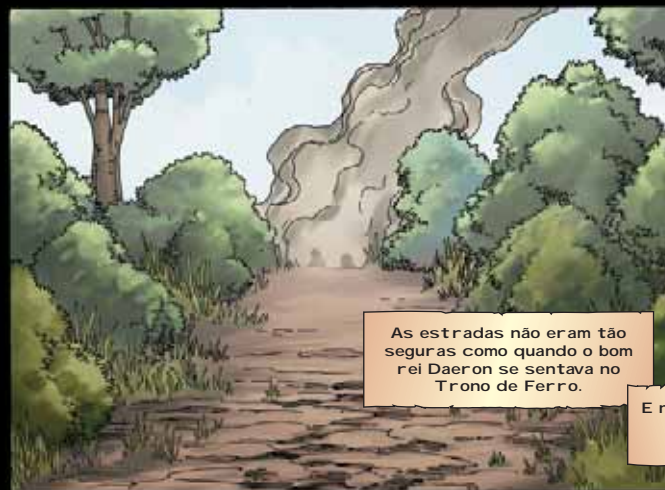
Só os l or des fazem tanto barul ho.

Mas sairemos da estrada até passarem.

Há l or des...



... e l or des.



As estradas não eram tão seguras como quando o bom rei Daeron se sentava no Trono de Ferro.

E ninguém morreu por cautela a mais.





O meu escudo era a vel ho, comprado para substituir o que o Pol egada Longa desfez em pedaços.

Não tive tempo de mandar pintá-lo com o meu el mo e estrel a-cadente.

Não era um brasão que escol hesse, mas o escudo tinha sido barato.





Conheço
aquele as armas,
mas de
onde?

Pode ter estado no
Prado de Vaufreixo.

Ou tal vez servisse
no castel o quando eu
servia Sor Arlan.

O vel ho caval eiro das
sebes serviu em tantas
for tal ezas e castel os que
não recordava metade.



tu. Nos
arbustos.



Mostra-te!

Vimos em paz,
Mil orde.

Somos só
dois, eu e o meu
escudeiro.

Escudeiro?
Afirmas ser
caval eiro?



Sou um caval eiro
sem senhor,
buscando ser viço.

Cada caval eiro
I adirão que
enforquei afirmou
o mesmo.

O teu
brasão será
profético, Sor...
se mereceres
tal título.

São
as tuas
armas?



Não, Mil orde.
O escudo precisa
de nova pintura.

Porquê?
Roubaste-o a
um morto?

Não
roubo.

Comprei-o
com dinheiro
honesto.



Como fizeste
essa cicatriz
na face?

Um
cor te do
chicote?

Uma
adaga... Mas a minha
cara não te dirá
respeito.

Aí
estás tu,
Gormy!